



Revista Linguasagem - 15ª Edição / [www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)

**A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA:  
ADOLESCENTES USAM, OU NÃO, CONCORDAR SUJEITO E VERBO?**

Eliane Vitorino de Moura Oliveira <sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

Já na tenra idade, o indivíduo começa a utilizar a língua por meio da fala para interagir com os seus pares, e o faz utilizando a variedade presente no meio em que vive. A criança nota os adultos conversando e apropria-se desta forma de comunicação da maneira como observou. Com um pouco mais de idade, inicia-se no mundo letrado e passa a interagir também por meio da escrita.

A interação do indivíduo com a sociedade acontece por intermédio da linguagem, mas, para que se dê eficientemente, faz-se necessário que haja, por parte do indivíduo, um ajuste da língua de acordo com a variedade presente na comunidade em que está inserido.

Faraco (1999) alega que “grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são de uso comum.” e aponta que “o senso de pertencimento inclui o uso da forma de falar característica das práticas e expectativas linguísticas do grupo.” (FARACO, 2004, p. 38).

---

<sup>1</sup> Pós Graduação na UEL - [liaoliver@bol.com.br](mailto:liaoliver@bol.com.br)

De acordo com Aguilera (2008), “a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro.” (AGUILERA, 2008, P.105–106).

É na adolescência que se observa, com maior ênfase, essa capacidade de ajustamento da língua ao contexto e a necessidade de estabelecimento em um grupo, uma vez que, em um momento da vida em que passa por intensas modificações, o adolescente busca por afirmação e utiliza, com maior rigor, a língua para constituir seu espaço na sociedade e, de forma acentuada, integrar-se numa facção.

Dentro deste entendimento, optamos por pesquisar a linguagem dos adolescentes que buscam, por meio de sua forma de expressão, a imposição e a demarcação de seu espaço dentro da sociedade regional, observando a forma como utilizam a variedade padrão da língua, em especial a Concordância Verbal (CV).

Partimos da análise de uma amostra adquirida a partir de inquérito a doze informantes. O grupo analisado é formado por adolescentes de baixa renda, com faixa etária entre 15 e 17 anos, entre a 6ª série do ensino fundamental (EF) e a 3ª série do ensino médio (EM). Estudam em escolas de ensino formal da cidade e, no período da manhã, fazem parte de cursos de educação profissionalizante na EPESMEL, sendo selecionados por meio de respostas a um levantamento socioeconômico, a fim de atender ao critério básico para seleção de informantes.

Para obtermos o vernáculo, elaboramos um questionário, composto de quinze perguntas, tendo com o tema “Copa do Mundo”, para facilitar a fluência dos inquéritos, dada sua atualidade. As respostas de cada informante foram gravadas, com a devida autorização de cada um dos jovens.

As análises, apresentadas a seguir, partiram da transcrição dos dados obtidos e levaram em conta, primeiramente, variáveis como sexo e escolaridade, sendo depois observados o nível social, frequência de leitura, nível de interação face a face e virtual, influência da mídia televisiva e, por fim, construções sintáticas mais características para quantificação, sempre com a premência de identificar a quantas anda a CV entre

os adolescentes e quais são suas motivações para concordar, ou não, o sujeito com o verbo.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A variação mostra quão viva e flexível é a língua, sua capacidade de se aperfeiçoar, de se transformar com o tempo e o uso, embora ainda haja muitos que insistem na homogeneidade, sem, no entanto, encontrar respaldo nos estudos atuais, que vêm desmitificando este cunho conservador. A Geolinguística, ciência linguística que estuda as variantes regionais de uma língua, por exemplo, vem enfraquecendo esta corrente ao mostrar, por meio de Atlas Linguísticos de várias regiões, a realidade linguística de nosso imenso país.

Comprovadamente, os primeiros estudos sobre a diversidade da língua surgiram na França, na metade do século XIX, e, a partir daí, a Geolinguística tem-se destacado como elemento de importância para a compreensão dos fenômenos relativos à variação diatópica.

No Brasil, cabe a Visconde de Pedra Branca o estatuto de implementador, o qual, ao escrever um capítulo para um livro do geógrafo Balbi, descreveu nossa língua como um reflexo “do clima e da doçura dos habitantes [...] enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimo às línguas indígenas e inexistentes no português continental.” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, P. 37).

Ainda em relação ao incremento da língua, Nascentes (1953) relata que “desde meados, pois, do século XVI, colonos portugueses, índios, africanos, seus descendentes puros ou mestiçados, começaram, cada qual a seu jeito, a modificar a língua portuguesa e mais tarde as modificações por eles introduzidas vieram a constituir o falar brasileiro.” (NASCENTES, 1953, p. 10)

Os estudos dialetológicos têm contribuído significativamente no complemento de pesquisas linguísticas que visam à descrição do Português Brasileiro e, em nosso

país, sua história pode ser dividida em três fases. Na primeira, os trabalhos são voltados para dicionários, glossários, vocabulários e léxicos regionais. Na segunda fase, dá-se a publicação de *O dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, além do *Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes, duas obras relevantes para a geografia linguística. Na terceira fase, consta a gênese dos estudos da Geografia Linguística no Brasil, e principiam-se os interesses na elaboração de atlas linguísticos.

Na atualidade, a Dialetoлогия não trata somente das variações regionais, dos dialetos e falares de determinada localidade, mas, também, das variações sociais, as quais abarcam as variações diageracionais, diassexuais e diagenéricas, culturais e estilísticas. Ou seja, inclui-se, nos estudos dialetais, a variação social, uma vez que o falante é de uma determinada região, mas, ao mesmo tempo, tem um perfil social que o coloca numa faixa etária, num sexo, num grau de escolaridade específico, enfim, ele é um ser social.

Pode-se dizer, destarte, que a Dialetoлогия é um ramo da Linguística que antecede a Sociolinguística. Ambas as ciências têm pontos em comum por estudarem a língua falada, o uso linguístico e por estabelecerem relações existentes entre determinados traços linguísticos e certos grupos de indivíduos.

O aspecto social da língua já chamava atenção no início do século XX, inclusive nos trabalhos de Saussure. Entretanto, foi na década de 50 que este aspecto começou a ser investigado minuciosamente por estudiosos da língua, entre os quais William Bright. Foi na década de 60, com William Labov, que o termo Sociolinguística se estabeleceu, uma vez que este linguista, de acordo com Tarallo (1985), foi quem “mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.” (TARALLO, 1985, p. 7), por meio de seus estudos, iniciados em 1963, sobre o inglês falado na Ilha de Martha’s Vineyard

Com a criação de um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, também Sociolinguística Quantitativa, Labov sublinha o papel

decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística e relaciona fatores como idade, sexo, ofício, etnia e atitude ao comportamento linguístico.

De lá para cá, muito tem sido feito na área, inclusive com o intuito de minorar o preconceito, tão arraigado em nossa sociedade, contra aqueles que não utilizam a variedade dita padrão e de uso das minorias detentoras do poder, já que sua abordagem procura ser descritiva, e não normativa.

Bagno (2008) afirma que “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa.” (BAGNO, 2008, p. 19), deixando a tarefa de desfazer tal confusão a cargo de todos aqueles que trabalham com a língua.

Entre as regras impostas pela gramática normativa, a concordância, a regência e a colocação pronominal têm destaque quando se trata da criação de rótulos estigmatizadores. Scherre (2005) aponta a concordância de número como tendo uma correspondência íntima com a classe social. Como neste trabalho optamos por analisar apenas a CV, passamos a abordá-la, de forma mais amíúde.

## **1.1 CONCORDÂNCIA VERBAL**

A ocorrência da CV define um liame entre o verbo e um dos constituintes da frase, ou seja, a vinculação que se dá entre o sujeito e o núcleo do predicado, representado pelo verbo, concebendo uma relação de identidade entre o termo determinante e o determinado, ocorrendo, assim, uma perfeita conexão entre os elementos da oração.

Carone (2002) relata que é o verbo a palavra que ata as outras a si, subordinando-as e com elas formando um nó, o que configura a concordância. Baccega (1986) define CV como o mecanismo sintático que expressa a associação dos elementos da frase. Para Terra (1997) “a concordância verbal é o processo pela qual o verbo altera suas desinências para ajustar-se em pessoa e número com o sujeito”. (TERRA, 1997, p. 244). Cunha (1985) relata que “a concordância evita a repetição do

sujeito que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajustada” (CUNHA, 1985, p. 485). Para Perini (1995) a oração estruturada hierarquicamente contém constituintes que, por sua vez, contêm outros constituintes, tendo, cada um deles, uma função ímpar, que tornam a CV um fenômeno hierarquizado, dependente do posicionamento de determinados constituintes na oração. Dubois *et al* (1993) definem a CV como um fenômeno sintático por meio do qual um substantivo pode exercer influência de alteração formal sobre pronomes que o representam, sobre os verbos de que é sujeito, assim como sobre adjetivos e participípios que a ele se referem, estabelecendo uma coesão formal, levando a entender a CV como a expressão morfológica de uma relação ou vinculação sintática entre elementos de uma oração. De acordo com Baccega (1986), a CV é um dos mais importantes fenômenos linguísticos de caráter sintático.

Tais conceitos dão a entender que as regras para este fenômeno são aplicadas categoricamente, porém é notório observar que a própria gramática normativa menciona uma lista de casos em que se admite o uso variável da CV, usos que vêm de alguns fatores que os podem influenciar positiva ou negativamente.

São vários os trabalhos sobre a língua falada no Brasil que mencionam a questão da concordância e têm registrado que a regra se aplica, mas outros fenômenos acarretam a simplificação do sistema de flexões verbais.

Como observa Scherre (2008) “estudos diversos têm mostrado, na modalidade falada do português brasileiro, que a concordância de número plural nem sempre ocorre.” (SCHERRE, 2008, p. 19). A autora tem se dedicado ao estudo sistemático da concordância de número no português brasileiro, relata que há vários fatores linguísticos e extralinguísticos que podem favorecer a ausência de CV.

Scherre e Naro (1993) expressam esses fatores, destacando como linguísticos a posição do sujeito após o verbo, a saliência fônica do verbo na posição singular/plural, o paralelismo no plano discursivo e oracional, a posição e a distância do sujeito em relação ao verbo, a presença do *que* relativo e a presença ou ausência da pausa entre o sujeito e o verbo, entre outros. Entre os fatores extralinguísticos definidores da concordância, colocam sexo, idade, papel na sociedade, origem,

situação socioeconômica e anos de escolarização do falante como fundamentais. Destacam que a estes fatores podem ser acrescentados outros elementos, como a inserção no mercado do trabalho, grau de exposição à mídia, acesso aos bens culturais, peças-chave para que o falante se sinta motivado a promover uma “adequada” concordância entre os termos.

A CV é um fenômeno linguístico que traz marcas sociais definidoras de classes e idades, para destacar alguns estigmas. De acordo com Scherre (2008), “a variação na concordância de número em português – ora denominada de *erro*, ora denominada de *casos especiais* – obedece a padrões estruturais e sociais de riqueza ímpar [...]” (SCHERRE, 2008, p. 137)

Lucchesi (2004) revela que a variação de CV é, na norma culta, inferior à observada na fala dos segmentos populares, ligando-se esta ocorrência a contextos específicos, como a inversão da ordem sujeito-verbo, e a casos de interação verbal informal. Observa, também, um afrouxamento no uso da CV quanto à idade, no que tange à norma culta, quando pessoas de mais idade tendem a fazer mais concordâncias que os jovens, fato contrário ao que ocorre na norma popular, em que os jovens tendem a concordar mais. Observa, entretanto, que em casos de comunidades rurais, as regras de CV podem ter sido totalmente eliminadas.

Este trabalho apresenta um pequeno recorte de um estudo em desenvolvimento no mestrado em Estudos da Linguagem. Como o nosso, há diversos outros neste campo. Scherre (2008) lista uma série de textos inéditos e publicados que podem servir de base para aprofundamentos e discussões quanto a este tema tão marcado por estigmas sociais.

## **2 OS INFORMANTES**

Os adolescentes que participaram como informantes nesta pesquisa foram selecionados por meio de suas respostas a um questionário sócio-econômico e dados

constantes no cadastro da instituição. Dentre trinta e cinco, escolhemos os doze que melhor atendiam aos critérios pré-estabelecidos: idade entre 15 e 17 anos, grau de escolaridade entre 5ª do EF e 3ª do EM, residentes em áreas periféricas da cidade e renda per capita familiar inferior a 2 salários mínimos. Estes dois últimos dados foram obtidos por meio da ficha de matrícula cedida pela escola somente para observação.

Desta forma, foram selecionadas seis meninas, sendo três com 15 anos, uma com 16 e duas com 17, e seis meninos: dois com 15 anos, um com 16 e três com 17 anos.

Com relação à escolaridade, três meninas e dois meninos encontram-se no ensino fundamental, enquanto três meninas e quatro meninos estão no médio. Neste sentido, uma das informantes, com 15 anos está na 6ª do EF, ou seja, fora do padrão esperado.

A inclusão digital parece satisfatória, já que apenas uma das informantes não tem acesso a computador, com a maioria das meninas tendo computador em casa. Entre os meninos, seis têm computador em casa e seis acessam via Lan House. Nenhum aluno mencionou obter acesso por meio da escola.

Um fator que pode se mostrar bastante determinante e com importância significativa para nossa pesquisa é a interação, interação esta que tanto pode se dar face a face ou por intermédio das redes sociais criadas por meio da internet. Desta forma, observamos entre nossos informantes esse dado, obtendo o seguinte: 100% dos meninos têm Orkut e MSN, contra 80% das meninas no Orkut e 70% no MSN.

Outro fator que interfere de modo acentuado na realização ou não da CV é a leitura. Com grande satisfação, observamos que a maioria de nossos informantes tem essa prática com predileção, conforme mostra o quadro, sendo que apenas um menino alegou nunca ler.

A televisão também se mostra como fator influenciador na CV. Acreditamos que, dependendo dos programas a que costumamos assistir, nossa cultura será enriquecida ou empobrecida. Jornais, documentários, bons filmes, programas sérios de entrevistas podem vir a se tornar grandes influenciadores de uma adequação de fala

mais próximo da norma culta. O gráfico seguinte mostra as preferências de nossos informantes, mas somente os dados analisados posteriormente poderão dar maiores detalhes sobre essa assertiva.



Gráfico 1 -Tipo de programas mais assistidos

Para finalizar a caracterização dos informantes, importa relatar até onde estes adolescentes pretendem chegar, no que tange aos seus estudos. Entre os meninos, 67% querem somente terminar o EM, enquanto os 33% restantes pensam em chegar aos graus máximos, como mestrado e doutorado. Já no lado feminino, uma parte das meninas, 33%, pensa em apenas concluir o EM. Metade almeja ter um curso superior, obtendo a graduação, e apenas uma delas, que representa aqui 17%, quer chegar ao doutorado.

Estando assim caracterizados com pormenores os informantes, podemos partir para a análise dos dados.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

As falas dos informantes foram registradas em dois tipos de mídia: gravador de voz e webcam, mediante prévio consentimento dos participantes, sendo depois os dados tratados com sua transcrição e análise.

O questionário, a princípio, compunha-se de dez perguntas. Ainda durante os inquéritos, percebemos que as respostas poderiam não proporcionar dados

analisáveis, desta forma, optamos por incluir mais cinco questões, um pouco fora do tema “Copa do Mundo” e mais relacionadas ao lado pessoal, buscando incrementar o recebimento de dados.

Com isso, compreendemos que teria sido mais adequado trabalhar com as narrativas de experiência pessoal, as quais, de acordo com Tarallo (1985) proporcionam uma situação natural de diálogo, favorecendo, desta forma, a CV. No caso específico destes informantes, alguns módulos poderiam ser mobilizados, como namoro e encontros amorosos, esportes, interação com outros membros da comunidade e, inclusive, o perigo de morte, utilizado por Labov com os adolescentes negros do Harlem, NY, uma vez que são indivíduos que vivem uma realidade passível de conexão com a estudada por ele, conforme mencionado em Tarallo (1985).

Como já comentado, de início serão observadas as variáveis sexo e escolaridade, para depois lavaremos em conta a condição sócio-econômica, a frequência de leitura, o nível de interação face a face e virtual, influência da mídia televisiva e, por fim, construções sintáticas, divididos em subitens.

### **3.1 SEXO**

O sexo não foi muito definidor da CV, já que meninos e meninas atuaram de forma bem parecida.

Entre as meninas, todas apresentaram momentos em que não houve realização da CV. As informantes 5 e 6 apresentaram apenas uma ocorrência cada uma, enquanto a 1, 3, 10 e 12, várias. A 10, em especial, apresenta uma fala marcada pela não-CV.

Entre o sexo masculino, o informante 9 apresentou apenas uma ocorrência e o 11, quatro. Os informantes 2, 4, 7 e 8 deixaram de concordar sujeito e verbo por diversas vezes. Assim com no sexo feminino, um dos meninos, o informante 4, apresentou um vernáculo bem marcado pelo não uso da CV.

Vale frisar que todos os informantes apresentaram a não realização da concordância de número de uma forma geral, sendo possível perceber que a não ocorrência da Concordância Nominal (CN) é bem mais marcante que a verbal. Tal fato poderá ser mais bem analisado em trabalhos futuros.

### **3.2 ESCOLARIDADE**

Esta variável é bem marcante quanto ao uso ou não da CV.

Os três alunos que apresentaram apenas uma ocorrência de não CV cursam a 3ª série do EM e estão com a idade adequada, ou seja, com dezessete anos estão terminando o ensino médio, média esperada. A aluna que mais apresentou ocorrências de não CV, a informante 10, tem 15 anos e está na 6ª série do EF.

Entretanto, o informante 11 tem poucas ocorrências de não CV, mas está com 15 anos na 8ª série do EF. Este dado poderá ser mais bem analisado levando-se em consideração outra variável, a leitura.

### **3.3 LEITURA**

Já é quase um chavão alegar que bons leitores serão bons escritores. Como é na escrita que pode ser observado, de forma mais cuidada, o uso da língua de acordo com o padrão, esperamos que os informantes que se declararam como leitores frequentes apresentem menor incidência de não CV.

Fato que pode ser comprovado em nossas análises, uma vez que os três alunos que apresentaram menos ocorrências de não CV são leitores frequentes. E aqueles que apresentaram menos uso da CV estão entre os que nunca leem ou leem apenas de vez em quando. Além disso, o informante 11, citado acima como fora dos padrões de escolaridade e com poucas ocorrências de não CV, é um leitor assíduo. Portanto, a leitura influencia de forma considerável o seu vernáculo.

A única exceção encontra-se na informante 1, ainda que esteja em nível adequado de escolaridade e seja leitora frequente, apresenta número alto de não CV.

### **3.4 INTERAÇÃO**

Para que pudesse sobreviver, o homem aliou-se a outros de sua espécie e criou grupos, assim como fizeram os animais. Entretanto, o que os diferencia é, basicamente, a capacidade que tem o homem de interagir com os seus por meio da linguagem.

De acordo com Koch (2007), interação é a “capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados” (KOCH, 2007, p. 10). Ainda que haja inúmeras formas, vamos nos ater, momentaneamente, à interação que se faz verbalmente.

Hoje, além da interação face a face, há a virtual. O crescimento das redes sociais virtuais e a expansão de ferramentas como o MSN Messenger e outros programas de conversa em tempo real, criaram múltiplas possibilidades de interação, permitindo aos jovens teclar com amigos do mundo todo.

Entre nossos informantes, observamos que aqueles que responderam que gostam de sair nos finais de semana, encontrar amigos, ir à igreja, enfim, aqueles que têm possibilidades diversas de interação face a face apresentaram uma fala bastante nivelada com aqueles que não têm.

Podemos dizer que o mesmo acontece quanto à interação virtual, uma vez que aqueles que têm páginas pessoais em sites de relacionamento como Orkut, twitter, Mns ou Facebook apresentam as mesmas ocorrências já citadas em outras variáveis.

Desta forma, pudemos concluir que a interação não é uma variável que se possa considerar quanto ao não uso da CV, em relação a estes informantes. Esta assertiva poderá ser mais bem observada em trabalhos futuros.

### 3.5 MÍDIA TELEVISIVA

Quanto à proposição de que a televisão pode influenciar na CV, observamos que os informantes que tiveram menos ocorrências de não CV costumam assistir aos noticiários, filmes, programas esportivos e documentários.

Os demais, que apresentaram um vernáculo repleto de ocorrências de não CV, costumam assistir às novelas, desenhos, programas humorísticos e programas de auditório.

Nenhum dos informantes alegou assistir a programas de entrevistas.

Um estudo mais aprofundado poderá trazer maiores dados quanto a essa variável e sua influência na ocorrência ou não da CV entre os adolescentes.

### 3.6 FATORES LINGUÍSTICOS

Nesta questão, observamos, em especial, alguns fatores levantados por Scherre (2008), por Oliveira (2007) e outros observados nesta pesquisa.

#### 3.6.1 Sujeito imediatamente à esquerda do verbo

Observamos que, mesmo com o sujeito expreso, claro e determinado, há diversas ocorrências de não CV, conforme exemplificado abaixo:

Ocorrências entre as meninas: “Porque *eles é* bom”; “*Nós fica* lá andando, vendo as pessoas”; “*Eles é* melhor”; “*Meu pai e meu irmão gosta.*”; “*Nós ganhou* no Murialdo, *nós ficou* em terceiro”; “*Eles joga* bem”; “*Nós está* e não está”; “*Nós faz* a maior farra, eu e meus primos”; “*Eles é* sensacional, *eles joga* de craque, de Pelé”; “*Esses times gosta* de bater” “*Nós joga* tão bem”; “As professoras, *elas é* até legal, *elas consegue* me fazer bem.” “O Nilmar e o Kaká, os *dois é* lindo.” “...que *eles vai* se preparar, que vai ter muitos estádios novos”; “Mas *essas coisas é* pra quem já está com a vida ganha.”; “Aqui *eles sabe* tratar a gente com carinho e amor”

Ocorrências entre os meninos: “*Nós vai* no sábado, *nós pedala e corre* com gosto”; “*Esses Restart e NX é uns emos, eles pensa* que é bonito ser feio.”; “*Eles ia* ficar só assistindo”; “*O Robinho e o Kaká é show. Eles é arte pura*”; “*Eles é meus antepassados*”; “Mas *eles lutou*.”; “Vem que *nós está* pronto”. “Espero que *eles traz* o caneco pra nós”; “*Eu e ela sai* um pouco juntos”; “*As pessoas fica* muito envolvida com isso e *esquece* as coisas”; “*Eles faz* macumba”; “Ai, sim, *nós estaria* preparados”; “Porque *eles coloca* Deus no jeito que *eles ensina* a gente.”; “*Os professores é* amigos, conselheiros.”; “Porque *eles fecha* a zaga”

### 3.6.2 Sujeito à esquerda do verbo, dele separado por uma a cinco sílabas:

Oliveira (2007) já observava que a existência de vocábulos posicionados entre o sujeito e o verbo pode influenciar consideravelmente a CV na produção escrita. Na língua falada, podemos observar o mesmo, como se vê nos exemplos:

Ocorrências entre as meninas: “*Os estádio não está* pronto”; “*Meus pais não deixa* eu sair, não”

Ocorrências entre os meninos: “*Nós não tem* segurança, nem entretenimento.”; “*Esses, sim, toca e canta* de verdade.”; “*Eles não ficava* nem no banco.”; “*Eles também sabe* jogar com arte, que nem nós.”; “*Eles agora está* um pouco mais de boa.”; “*As matérias daqui é* mais chata”

Notamos que, entre todas as classes, os advérbios estão entre os que mais aparecem entre o sujeito e o verbo.

### 3.6.3 Sujeito à direita do verbo (Scherre) e frases com a ordem invertida (Oliveira)

Certamente, a inversão da ordem canônica pode ocasionar dificuldades quanto à CV, conforme se nota nas ocorrências encontradas entre os informantes.

Ocorrências entre as meninas: “*Gosta* de tantas coisas *eles*.”; “*Levou as meninas* quase o dia todo pra sair.”; “Pode dizer que *é esporte as danças?*”; “Maior tesão *é as duas*.”; “*Diz as notícias* que vai ser, sim.”

Ocorrências entre os meninos: “Lá onde *está meus antepassados.*”; “*Deixa cansado as dinâmicas* que a professora C. faz”

#### 3.6.4 Outros fatores

a) Os pronomes relativos *que* e *quem* aparecem como mascaradores do sujeito, favorecendo a ocorrência de não CV, como se observa, entre as meninas: “Essas profissões é que me atrai.”; “Essas matéria na escola é que me atrai e me identifica.” “Tantas coisas é que nos gosta.”; “As mulheres que joga futebol fica tudo parecendo homem.”, e entre os meninos: “Jogo com meus amigos que mora perto de minha casa.”; “Não sei nem quem é os que está lá.”;

b) Palavras com sentido coletivo como *a gente*, *a turma*, *o povo*, etc., tendem a influenciar a não CV. Segundo Scherre (2008), construções com estas expressões são bastante estigmatizadas, mas estudos mostram que não são criações nossas, pois a CV com ideia plural vem do português europeu, em especial quando com a expressão “A gente”. Ainda de acordo com a autora, estudos sobre o português falado no Rio de Janeiro mostraram que os falantes mais jovens utilizam a CV, neste caso, como forma de mostrar uma oposição de tempo e não falta de CV, ou seja, utilizam a forma no singular como marcação do presente e no plural como marcação do passado. Nossos informantes apresentaram, também, casos dessa ordem, entretanto, mais entre as meninas, em frases como “A turma promovem vários debates.”; “O povo não sabem pensar.”; “A gente praticamos o vôlei.”; “A gente fazemos até campeonato de família.”; “Nós, nos gols, a gente corremos para a rua.”. Somente um menino expressou a seguinte frase: “A turma toda ficam querendo fazer legal.”

c) O pronome indefinido *tudo*, utilizado em lugar do *todos*, pode influenciar a não CV, por atuar como mascarador do sujeito. Esse fator, bastante detectado neste inquérito, não foi encontrado na literatura consultada. Meninos e meninas apresentaram expressões do tipo e ,em todas as vezes que o indefinido apareceu, não houve

concordância. “Porque tudo eles é bom.”; “Tudo eles gosta, gosta demais.”; “É tudo negão.”; “E tudo esses outros que fica aqui ganhando nas nossas custas.”; “É tudo seus os problemas.”; “Tudo nós torce pro Santos e somos fanáticos.”

d) Sobre o se como partícula apassivadora, há comentários interessantes de Scherre (2008) ao relata que “hoje, a estrutura classificada como passiva sintética [...] não é passiva sintética; é, sim, predominantemente, uma estrutura ativa de sujeito indeterminado [...] (SCHERRE, 2008, p. 80). Este tipo de construção é mais comum na escrita, entretanto, um dos informantes utilizou como resposta a uma das perguntas, expressando “Mostra-se muitas produções maravilhosas neste evento.” Neste sentido, concordamos com a autora citada, observando que há um caso de indeterminação do sujeito.

e) Uma frase com núcleo do sujeito no singular e verbo no plural foi expressa apenas uma vez e foi a única ocorrência de não CV do informante 9 com a frase “*O orçamento dos estádios no Brasil ficaram duas vezes mais caros que na África.*” Neste caso, notamos que há concordância, entretanto, ela se faz com o núcleo nominal do adjunto adnominal preposicionado. Aqui vemos um caso de sujeito de estrutura complexa, fator que influencia a CV ou não CV, como mostra Scherre (2008), inclusive em casos de escrita monitorada.

f) O verbo fazer indicando tempo também apareceu em nossas análises, por meio de meninos, com as frases “Fazem dois anos que estou na equipe.” e “Entrei aqui fazem três meses”. Neste caso, em que não há sujeito, há uma tendência de se realizar a CV com o numeral, fato já confirmado em outros estudos. Também, neste caso, observamos que houve, sim, concordância, entretanto, não de acordo com o que prescreve a gramática normativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, propusemo-nos a pesquisar a ocorrência ou não de CV entre adolescentes, ponto que traz marcas sociais consideráveis e tido como problemático quando se tenciona seguir as regras ditadas pela Gramática Normativa, por meio da análise dos dados obtidos com a gravação de um questionário.

Para iniciar o trabalho, baseamo-nos em um referencial teórico, apresentando conceitos de Dialetoлогия e Sociolinguística, chegando a algumas denominações de concordância verbal, dada a importância deste item no auxílio nas análises efetuadas.

A questão sócio-econômica dos informantes foi considerada proeminente para a análise, desta forma, dados importantes quanto à caracterização dos alunos pesquisados foram apresentados.

Diante dos dados, concluímos que os adolescentes tendem, em sua fala coloquial, utilizando o vernáculo, ou “a enunciação e expressão dos fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los” (TARALLO, 1985, p. 19) tendem a não utilizar a CV de acordo com o que designa a norma padrão culta da língua portuguesa e apresentamos alguns fatores que podem atuar como provocadores dessa inadequação.

Como parte de um trabalho maior, ainda em desenvolvimento, acreditamos ter esclarecido um pouco mais da realidade do português brasileiro como vem sendo praticado na interação entre os falantes. Entretanto, esse campo profícuo deixa margem para inúmeras outras pesquisas que se queiram realizar.

## REFERÊNCIAS:

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*. Anais GEL. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf) Acessado em 20.Jun.2010.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976

BACCEGA, Maria Ap. *Concordância Verbal*, São Paulo: Ática, 1986.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. O que é, como se faz. 50 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

CARONE, Flávia B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 2002.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira. Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marco. In: *A Linguística da Norma*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

FERREIRA, Carlota. CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 10 ed., 2007.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: *A Linguística da Norma*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões. 2 ed. 1953.

PERINI, Mário A. *A gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. *Concordância verbal: uma experiência na escola*. Londrina, 2007. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). Universidade Estadual de Londrina.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle*. Variação linguística, mídia e preconceito. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira e NARO, Anthony J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância no português popular do Brasil. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 9, n. 1, p.1-14, fevereiro 1993.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-linguística*. São Paulo: Ática, 1985.

TERRA, Ernani. *Minigramática*. São Paulo, Scipione, 1997.

Recebido em: 15 de agosto de 2010.

Aceito em: 30 de agosto de 2010.